

O CONTÍNUO DA LINGUAGEM: LÍNGUA E DISCURSO, GRAMÁTICA E ESTILÍSTICA¹

JEAN-MICHEL ADAM
(Universidade de Lausanne)

RESUMO: A existência da estilística literária é sustentada apenas na dissociação da linguística da língua e da palavra, da separação das ciências da linguagem e das ciências literárias do texto. Ora, o programa saussuriano que emerge das aulas dadas em Genebra entre 1908 e 1911, do manuscrito De l'essence double du langage (2002: 15-88) e de estudos textuais dos Cadernos de anagramas e estudos sobre as lendas germânicas mostra claramente como estas divisões têm distorcido os debates e atrasado o surgimento de um pensamento contínuo da linguagem.

Mais alors, c'est tout simplement de la linguistique qu'on nous offre sous le nom de stylistique. Oui, messieurs, tout simplement de la linguistique. Seulement, la linguistique, j'ose le dire, est vaste. Notamment elle comporte deux parties: l'une qui est plus près de la langue, dépôt passif, l'autre qui est plus près de la parole, force active et origine véritable des phénomènes qui s'aperçoivent ensuite peu à peu dans l'autre moitié du langage. Ce n'est pas trop que les deux.

Saussure (2002: 273)

1. A estilística: uma disciplina transversal?

O grande mérito e originalidade deste colóquio² estão na sua dupla abertura: disciplinar e internacional. Este encontro de especialistas de diferentes disci-

¹ Tradução de Isabelle Simões Marques.

² Artigo originalmente publicado na coletânea organizada por Cécile Narjoux (2012) *Au-delà des frontières: perspectives de la stylistique contemporaine*, Actes du colloque *Nouvelles stylistiques européennes*, 24-25 março 2011 na Universidade de Bourgogne, Frankfurt am Mein, Peter Lang, 187-196.

plinas, países e línguas da Europa obriga-nos a esclarecer as posições para a construção de um diálogo interdisciplinar. Explicarei, portanto, as razões pelas quais hesito entre a proposta de “reconceção da estilística” que defendia em números de revistas dedicadas à estilística: *Langages* 118 (1995), *L'Information grammaticale* 70 (1996), *Le Français aujourd'hui* 116 (1996) e principalmente em *Le Style dans la langue* (1997) assim como a proposta de mudança de paradigma e de substituição da estilística que esboçava nos meus artigos em *Langue Française* 128 (2000) e 135 (2002), no volume *De la langue au style*, organizado por Jean-Michel Gouvard (2005) e em *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours* (2011a). Hoje seria um pouco mais subtil.

A minha posição é a de um linguista francófono duplamente descentrado em relação ao contexto francês. É verdade que fiz a minha formação em França, ou seja, fui formado à estilística dos concursos, com o pressuposto de separação da gramática e da estilística e, mais amplamente, da linguística e das ciências da literatura. Mas, ao ensinar a linguística francesa na Suíça desde 1984, escapei aos condicionalismos institucionais do contexto francês. Tendo, aliás, trabalhado imenso a questão da “estilística” linguística de Charles Bally (Adam 1997, 2006), pude medir como Jules Marouzeau (*Traité de stylistique française* de 1941) e Marcel Cressot (*Le style et ses techniques* 1947) transformaram a linguística da palavra. Também pude medir como Bally, como coeditor do *Cours de linguistique générale*, restringiu a linguística da palavra-discurso de Saussure.

Os meus trabalhos mais importantes focaram a teoria geral da linguística textual e, desde 1976 (Adam & Goldenstein 1976, Adam 1985, 1991, Adam & Heidmann 2009, Heidmann & Adam 2010), incidiram sobre as relações entre linguística e ciências da literatura. As análises de textos literários às quais me tenho dedicado foram menos posicionadas no campo da estilística do que no da abordagem linguística de uma prática discursiva singular que assume a forma do poema, do conto, do romance e do teatro. Também me interessei por outras práticas discursivas: o discurso publicitário (Adam & Bonhomme 1997), os géneros da imprensa escrita e a mistura dos géneros deliberativo e epidíctico na arte oratória da esfera política.

Esta diversidade do campo de aplicação da análise textual dos discursos explica que, para mim, o discurso literário é, de facto, específico, mas não mais específico do que outras práticas discursivas. Permaneço fiel ao programa de consolidação dos estudos literários projetado, em 1978, por Tzvetan Todorov em *Les genres du discours*:

Un champ d'études cohérent, pour l'instant découpé impitoyablement entre sémanticiens et littéraires, socio- et ethno-linguistes, philosophes du langage et psychologues, demande donc impérieusement à être reconnu, où la poétique cédera sa place à la théorie du discours et à l'analyse de ses genres.

(1978: 26)

Os géneros literários fazem parte do “sistema de géneros” de uma dada sociedade e a poética não pode “ceder o seu lugar à teoria do discurso” só se esta for capaz de registar a abordagem dos textos literários e as questões de poética, genética e filologia no seu programa interdisciplinar. Como o indica Todorov:

Chaque type de discours qualifié habituellement de littéraire a des «parents» non littéraires qui lui sont plus proches que tout autre type de discours «littéraire». [...] Ainsi l’opposition entre littérature et non-littérature cède la place à une typologie des discours.

[...] À la place de la seule littérature apparaissent maintenant de nombreux types de discours qui méritent au même titre notre attention. Si le choix de notre objet de connaissance n’est pas dicté par de pures raisons idéologiques (qu’il faudrait alors expliciter), nous n’avons plus le droit de nous occuper des seules sous-espèces littéraires, même si notre lieu de travail s’appelle «département de littérature» (française, anglaise ou russe).

(1978: 25)

No final da década de 1960, no artigo retomado a Leo Spitzer intitulado *Études de style*, Jean Starobinski ressaltava a contribuição dos trabalhos do filólogo vienense exilado nos Estados Unidos: “A língua inscreve-se no processo que a torna literatura, – no seu movimento, na sua implementação, no abuso que dela é feito; e a literatura, de maneira recíproca, é abordada a partir do seu material verbal, de seu aspeto *textual*” (1970: 9). E acrescentava:

À aucun moment Spitzer n’a quitté la linguistique pure. Celle-ci est restée pour lui une position stratégique centrale, un savoir-source. Et précisément parce qu’elle avait pour lui cette vertu, il lui semblait qu’elle ne devait pas se confiner dans ses limites spécialisées, reflet contingent d’une départementalisation académique. La linguistique, science de la forme liée au sens, possède une application herméneutique dont l’intervention est la bienvenue partout où il y a du langage à lire et du sens à déchiffrer.

(1970: 10)

Leo Spitzer dedicou uma das três “leituras” reunidas em *A Method of Interpreting Literature* (Smith College, 1949) à análise de “processos literários sofisticados da retórica publicitária” (1978: 154). Aplica nesse estudo o “método de análise filológico” para a “imagem-texto” de uma publicidade para a marca de laranjas *Sunkist*:

L’historien de la littérature qui s’intéresse à la linguistique, et qui ne nourrit aucun sentiment de mépris envers ce genre d’art appliqué, est-il en mesure de faire l’*explication de texte* d’un bon échantillon de publicité moderne qui le conduirait des traits externes à l’«esprit du texte» (et à l’esprit du genre en question) exactement comme il a l’habitude de le faire avec des textes littéraires? Tentons l’expérience.

(1978: 153)

Nestes tempos em que é comum ver os literários rejeitar a linguística e os linguistas trabalharem apenas em interações orais comuns, a estilística tornou-se o último espaço no qual os literários leem ainda obras e artigos de linguística e onde linguistas se interessam por textos literários. A atual compartimentação disciplinar das universidades europeias faz-me ver na estilística uma disciplina transversal, da mesma forma que a genética textual (Adam 2009a, Anne Herschberg Pierrot, 2005, 2007, 2010) e a poética da tradução de Meschonnic (Adam 2011b). A estilística é um dos últimos bastiões contra o vazamento das disciplinas literárias para o “cultural”, seja ele sociológico ou antropológico, e uma história literária surda à questão das línguas. A estilística tem pelo menos o mérito de abrir os estudos literários, não só à linguística como também à parte da filosofia que vai além da “filosofia do estilo” de Gilles-Gaston Granger e de certas observações de Maurice Merleau-Ponty.

Critique et clinique (1993) parece-me ser uma das mais estimulantes reflexões sobre o “problema da escrita”. Gilles Deleuze apoia-se em Proust para afirmar que o trabalho de escrita revela “novos poderes gramaticais ou sintáticos” (1993: 9): “Já não é mais a sintaxe formal ou superficial que regula os equilíbrios da língua, mas sim uma sintaxe em devir, uma criação de sintaxe que origina a língua estrangeira na língua, uma gramática do desequilíbrio” (1993: 141). Os traços literários escrevem na língua comum “uma espécie de língua estrangeira, que não é outra língua, nem um dialeto redescoberto, mas sim um devir-outro da linguagem” (1993: 15). A “alteração” da língua – literalmente no sentido de *a tornar outra* ao ponto de parecer estrangeira – não resulta de um desvio em relação a um padrão, mas sim de uma variação, de um trabalho que opera no próprio coração do sistema e dos possíveis gramaticais de um estado socio-histórico da língua. Como o enfatizo longamente nos capítulos 2 e 3 da obra *Le style dans la langue*, em que retomo a ideia de “variação ramificada da língua” de Deleuze (1993: 140), este tornar-se estrangeiro efetua todo o poder de bifurcação, variação e modulação próprio à língua (1993: 136-137):

Il y a là le principe d’une compréhension poétique de la langue elle-même: c’est comme si la langue tendait une ligne abstraite infiniment variée. La question se pose ainsi, même en fonction de la pure science: peut-on progresser si l’on n’entre pas dans des *régions loin de l’équilibre*?

(1993: 137)

Os textos literários permitem-nos “frequentar estas regiões longe do equilíbrio” e tomar consciência, com Deleuze e Guattari, em *Mille plateaux*, do facto que:

Ce qu’on appelle un style, qui peut être la chose la plus naturelle du monde, c’est précisément le procédé d’une variation continue. Or, parmi tous les dualismes instaurés par la linguistique, il y en a peu de moins fondés que celui qui sépare la linguistique de la stylistique.

(1980: 123)

Além do seu caráter estimulante de disciplina transversal, a estilística coloca um problema relacionado com o seu mero papel de disciplina prática. Isso resulta num enfraquecimento da reflexão epistemológica e teórica que se torna aguda na maioria dos manuais publicados nos últimos vinte anos. Antoine Compagnon teve razão em escrever que:

Les études littéraires, après s'être faites théoriques durant un certain nombre d'années, une ou deux décennies, se sont déplacées vers l'éthique, l'esthétique, la génétique [...]. La philologie est revenue en force à l'université; toutes sortes de contextualisations ont pris leur revanche sur la textualité; la stylistique, un temps donnée pour morte, a repris le dessus sur la linguistique, fût-ce sous l'appellation de sémiostylistique.

(2000: 42)

Já Henri Meschonnic dizia o mesmo quinze anos antes:

Après le moment triomphant du formalisme structuraliste, dans les années soixante, soixante-dix, est venue une lassitude envers la théorie. Écoutez comme on parle d'«inflation théorique». [...] Cette lassitude est un rejet du formalisme, mais qui se retire à lui-même tout projet, toute possibilité de critique. C'est donc un retour de l'empirisme, et surtout de l'éclectisme, des bricolages qui cherchent à *articuler* ceci et cela.

(1985: 97)

Parece-me que se pode aceitar as conclusões de Compagnon:

Il y a théorie littéraire quand l'approche des textes littéraires n'est plus fondée sur des considérations non-linguistiques, par exemple historiques ou esthétiques, quand l'objet de la discussion n'est plus le sens ou la valeur, mais les modalités de production du sens ou de la valeur. La théorie littéraire est impensable sans une attention formelle. Autrement dit, c'est le reflux de la linguistique, ancienne science pilote, qui peut d'abord expliquer la moindre présence de la théorie sur la scène des études littéraires.

[...] La tâche de la théorie est donc, aujourd'hui comme hier, l'affirmation de l'expérience littéraire comme expérience spécifique de la forme. [...] Concluons donc par un appel à la théorie comme stratégie de la forme, c'est-à-dire, si j'ose ces mots, comme passion de la langue.

(2000: 52)

A estilística tornou-se uma abordagem conjuntural de recuperação e integração-bricolagem ecuménica de trabalhos de linguística enunciativa, gramática textual, pragmática, semântica e semiótica, retórica, poética e estética. Desta forma, o seu ecletismo metodológico foi ampliado e renovado, sem ser questionado em profundidade (Jenny 1993: 113).

Além disso, a estilística só se justifica pelo princípio da exceção literária e mantém-se apenas como análise de um *corpus* que, no entanto, não lhe é próprio, assim como a língua não é o só assunto de linguista:

La linguistique, instrument d'une critique générale, doit pouvoir être employée en toutes directions, partout où s'inscrivent les traces de l'homme parlant (donc pensant, imaginant, rêvant, écrivant, écoutant). La stylistique des chefs-d'œuvre n'est qu'une application – certes privilégiée – d'un savoir qui cesse de se confiner dans une neutralité prudente.

Starobinski (1970: 10)

Na minha opinião, a estilística não deve ser uma linguística aplicada ao *corpus* literário, mas deve participar da discussão de fundo que Saussure chamava de “linguagem discursiva”: “A frase só existe na palavra, na língua discursiva” (2002: 117); é aí que “a língua entra em ação como discurso. [...] A língua é somente criada em virtude do discurso” (2002: 277). O que sabemos hoje do programa saussuriano unifica linguística da língua e linguística da palavra-discurso (reformulada por “estilística” por Bally). Em 1912, num relatório sobre a criação, na Universidade de Genebra, da cátedra de estilística destinada a Charles Bally, do qual são extraídas as linhas citadas em epígrafe, Saussure enfatizava a coexistência dos linguistas da língua e da palavra-discurso. Joëlle Gardes Tamine vai nessa direção quando destaca de novo a questão da gramática, apesar de questionar os seus limites:

S'il fallait résumer mon propos d'une formule paradoxale et sans doute excessive, je dirais que la stylistique n'existe pas, mais que tout est grammaire. J'aimerais pouvoir disposer d'un terme qui fonde en une seule unité les deux mots séparés. Pour ne pas alourdir la présentation, je continuerai à parler de grammaire et de stylistique, mais en réalité, je devrais dire grammastylistique. [...] C'est cette position, que tout est grammaire, que je vais essayer de justifier.

(2005: 79-80)

Para avançar nessa direção e tentar justificar o que defendia em *Le Style dans la langue*, parece-me que são necessários dois ajustes: uma definição da “gramática” adequada a este projeto e uma definição do texto como lugar de realização da palavra-discurso.

2. Que gramática usar para pensar o estilo na língua?

Em *Principes de grammaire polylectale* (Berrendonner, Le Guern & Puech 1983), Alain Berrendonner constata que “As gramáticas têm procedido sempre da mesma forma: impõem aos factos atestados uma partição normativa em dois subconjuntos, possível (= pertinente, gramatical) vs impossível (agramatical, não-pertinente)” (1983: 27). Se acrescentarmos a estilística, parece claro que a sua tarefa é a de completar este dispositivo, incidindo sobre os “desvios” (Berrendonner fala de “resíduos”) que a arte literária salva dando-lhes a desculpa de um valor estético. Esta divisão de tarefas não põe em causa o facto de “fazer passar uma fronteira arbitrária no meio de

factos estabelecidos” (1983: 28). Gramática e estilística concorrem para “impor um limite artificial no seio da linguagem, por impossibilidade de descobrir logo os seus limites naturais” (id.). Visto que não considera o papel da estilística nesta divisão de tarefas nem mantém a conceção da língua que lhe subjaz, adapto aqui (Figura 1, página seguinte) o esquema proposto por Berrendonner (1983: 27). Este esquema mostra a restrição da língua e do campo de possibilidades linguísticas que surge a partir desta conceção da gramaticalidade como norma, permitindo excluir, *a priori*, certos empregos considerados como desviantes: “resíduos” da gramática ou “desvios” valorizados estilisticamente. A hipótese de uma gramática poliletal, fundamentalmente não-normativa, permite ter outro olhar sobre a gramática e a língua. Baseando-se “numa estrutura de pensamento, onde os limites do possível excedem em muito os do atestado” (1983: 28), a gramática poliletal considera os limites do sistema-língua como “indeterminados” (1983: 21):

C’est-à-dire que les limites entre lesquelles le système autorise un certain «jeu» à ses utilisateurs, les bornes que sa «norme régulatrice» propre, son économie même, assignent aux possibilités de variation, se trouvent bien au-delà de ce qui est effectivement dit, même par «lapsus», et ne sauraient donc être reconnues d’emblée. C’est au terme du discours de simulation grammaticale que l’on peut espérer être en mesure de les désigner.

Berrendonner (1983: 28)

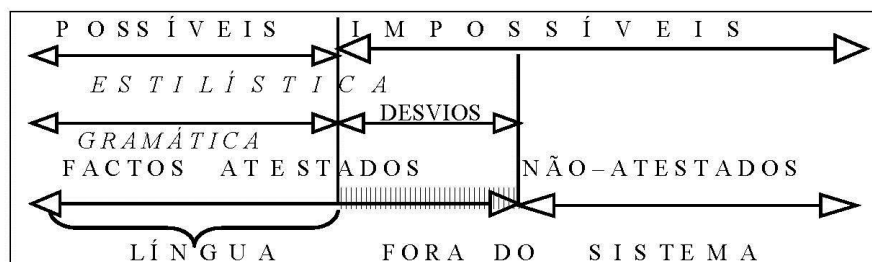


Figura 1: Definição normativa do campo da língua

Dois princípios regem o trabalho do linguista: “descrever tudo o que é atestado” (1983: 23) – ou seja, basear a linguística na palavra-discurso – e, além disso, “atribuir à língua limites que não são do atestado, mas do “possível de dizer” [...]” (1983: 24). É esta extensão do domínio da língua que a figura 2 – também ela livremente adaptada do artigo de Berrendonner – coloca em evidência:

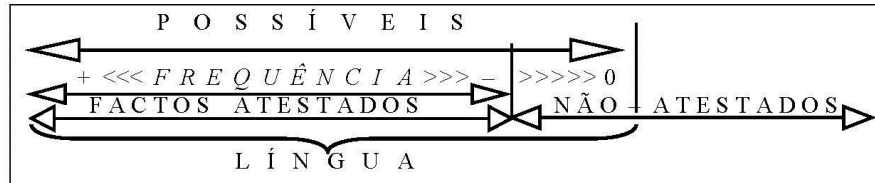


Figura 2: Para uma extensão do domínio da língua

A contribuição da análise dos factos observados em situação de criatividade comum, especialmente oral, permitiu grandes avanços na reflexão sobre o sistema da língua, mas a linguística contemporânea tende a privar-se da contribuição da criatividade literária da escrita. Esta última, no entanto, continua a expandir o escopo do atestado e explorar o domínio dos possíveis da língua.

Se o estudo linguístico do sistema pode, teoricamente, ir além dos factos documentados, estou interessado, pela minha parte, nos *factos atestados textualmente*. Como Saussure escreve: “[...] Não devemos afastarmo-nos desse princípio de que o valor de uma forma está inteiramente no texto onde foi retirado [...]” (1922: 514). Se estou tão interessado em textos literários, é porque atestam factos previamente armazenados fora do sistema, na franja mole dos “desvios”. A teoria do sistema explora os possíveis sistémicos além dos factos atestados, prevendo-os, de alguma forma, tal com esses planetas matematicamente “descobertos”, antes de serem observados; fico-me, pessoalmente, nesta outra ideia saussuriana que emerge dos *Écrits de linguistique générale*: “Todas as mudanças, sejam elas fonéticas ou gramaticais (analógicas) são realizadas exclusivamente no discursivo” (2002: 95), o que define o objeto textual do linguista, não se limitando às “inovações” que vêm “através da improvisação do falar” (id.), mas àquelas que o trabalho de escrita gera e que estendem o campo do atestado. Saussure procedeu assim nos 3700 folhetos sobre os anagramas e paragramas da poesia homérica, do verso saturnino baixo latino, nos Veda e nos 814 folhetos dedicados às lendas germânicas. Rudolf Engler cedo o comentou: “Semiologia linguística e semiologia mitográfica quase correspondem na totalidade, as poucas diferenças existentes expliquem-se pela aplicação de um mesmo princípio a um domínio maior, estruturalmente menos apertado que a língua” (1980: 14).

A separação da estilística e da gramática está baseada numa compreensão incompleta da distinção saussuriana: o esquecimento da relação da palavra com a língua em favor da sua única oposição. A estilística, redefinida como linguística da palavra e colocada na ordem do discursivo, é inseparável da ordem da língua. A gramática tem, efetivamente, por objeto a diversidade em obra em cada ato de fala e as variações do sistema da língua produzidas na e pela palavra-discurso. Um “traço de estilo” não é um desvio relativamente a uma norma restrita e arbitrária, mas sim um traço de sentido que explora as potencialidades, eventualmente as mais raras e ocultas, do sistema

na unidade que constitui o texto. Foi o que Michael Riffaterre tinha perfeitamente entendido quando declarava, ao parodiar Buffon: “O estilo é o próprio texto” (1979: 8). De facto, o texto é um espaço de palavra, de “linguagem discursiva”, que faz o próprio sistema. Henri Meschonnic, que entendia perfeitamente o programa de Saussure antes das recentes revelações, era muito próximo desta posição, reformulando também ele Buffon: “Cada obra tem o seu estilo: o estilo é a obra” (1970: 175). E acrescentava: “Um texto como sistema impõe a estratégia dos discursos à gramática: uma gramática para fazer o quê. Um sistema transforma os valores linguísticos em valores do seu discurso” (1982: 112).

Não é mais de que um descontínuo de onde emergem os “traços de língua”, mas do texto como unidade complexa onde o detalhe faz sentido (Adam, 1997: 13). A limitação do estilo aos signos da arte não faz mais sentido. O texto é a unidade de uma linguística que procura descrever o contínuo dos textos, o funcionamento da sua “forma-significado”. Podemos dizer com Gérard Genette que “Qualquer texto tem “estilo” (1991: 135), e que “não há o discurso mais o estilo, não há discurso sem estilo nem estilo sem discurso; o estilo é o aspeto do discurso, seja ele qual for” (1991: 136). Para a análise textual dos discursos, o estilo é um aspeto de qualquer texto: qualquer enunciado implica escolhas entre as possibilidades da língua e “qualquer escolha linguística é “significante”, ou seja, estilisticamente pertinente” (Schaeffer 1997: 20). Esta mudança de ponto de vista, que estende o programa de Saussure é essencial.

A ligação do gramatical e do estilístico parece-me, no entanto, impossível fora de uma teoria do texto e do discurso. Na medida em que o texto é a unidade de base da estilística, o quadro teórico de uma análise textual dos discursos deveria permitir evitar o ecletismo e a bricolagem por vezes reivindicados em nome das exigências práticas da estilística dos concursos e da explicação de texto.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1985). *Pour lire le poème*, Bruxelles, De Boeck-Duculot.
- Adam, Jean-Michel (1991). *Langue et littérature. Analyses pragmatiques et textuelles*, Paris, Hachette.
- Adam, Jean-Michel (1996). «Du style à la langue: une variation ramifiée», *L'Information grammaticale* 70, 11-15.
- Adam, Jean-Michel (1997). *Le style dans la langue. Une reconception de la stylistique*, Lausanne-Paris, Delachaux & Niestlé.
- Adam, Jean-Michel (2002). “Le style dans la langue et dans les textes”, *Langue française* 135, 71-94.
- Adam, Jean-Michel (2005). «Stylistique ou analyse textuelle? L'exemple du fragment 128 de La Bruyère», in *De la langue au style*, J.-M. Gouvard dir., Presses Universitaires de Lyon, 127-144.

- Adam, Jean-Michel (2006). «Penser la langue dans sa complexité: les concepts de *gradualité*, *dominante* et *comparaison* chez Bally», in *Charles Bally (1865-1947). Historicité des débats linguistiques et didactiques*, J.-L. Chiss dir., Louvain-Paris, Peeters, 3-19.
- Adam, Jean-Michel (2009a). «Réécriture et variation: pour une génétique linguistique et textuelle», *Modèles linguistiques* Tome XXX, vol. 59, Toulon, Éditions des Dauphins, 21-31.
- Adam, Jean-Michel (2009b). «Barthes et *L'Étranger*. Le blanchiment de l'écriture», in *Écritures blanches*, D. Rabaté & D. Viart dirs., Publications de l'Université de Saint-Etienne, 57-69.
- Adam, Jean-Michel (2010). «La stylistique: reconception, refondation ou changement de paradigme?», in *Stylistique?*, L. Bougault & J. Wulf dir., Presses Universitaires de Rennes, 23-50.
- Adam, Jean-Michel (2011a [2005]). *Linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*, Paris, A. Colin.
- Adam, Jean-Michel (2011b). «Le bougé du texte dans la théorie du langage: Henri Meschonnic et Jorge Luis Borges», *Europe*, à paraître.
- Adam, Jean-Michel & Bonhomme, Marc (1997). *L'argumentation publicitaire*, Paris, A. Colin.
- Adam, Jean-Michel & Goldenstein, Jean-Pierre (1976). *Linguistique et discours littéraire*, Paris, Larousse.
- Adam, Jean-Michel & Heidmann, Ute (2009). *Le Texte littéraire*, Louvain-la-Neuve, Academia Bruylant.
- Berrendonner, Alain (1983). «La variation polylectale en syntaxe. Hypothèses théoriques générales», in A. Berrendonner, M. Le Guern, G. Puech, *Principes de grammaire polylectale*, Lyon: Pesses Universitaires de Lyon, coll. «Linguistique & sémiologie», 7-109.
- Bronckart, Jean-Paul, Bulea, Ecaterina, Bota, Cristian (dirs.) (2010). *Le projet de Ferdinand de Saussure*, Genève-Paris, Droz.
- Combettes, Bernard (2002). «Analyse linguistique des textes et stylistique», *Langue Française* 135, 95-113.
- Compagnon, Antoine (2000). «L'exception française», *Textuel* 37, 41-52.
- Cressot, Marcel (1947). *Le style et ses techniques*, Paris, PUF.
- Deleuze, Gilles (1993). *Critique et clinique*, Paris, Minuit.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (1980). «Postulats de la linguistique», in *Mille plateaux*, Paris, Minuit.
- Engler, Rudolf (1980). «Sémiologies saussuriennes, 2. Le canevas», *Cahiers Ferdinand de Saussure* 34, 3-16.
- Gardes Tamine, Joëlle (2005). «De la grammaire à la stylistique. À propos de l'ordre des mots», in *De la langue au style*, J.-M. Gouvard. éd., Presses Universitaires de Lyon, 79-97.
- Genette, Gérard (1991). *Fiction et diction*, Paris, Seuil.
- Gouvard Jean-Michel (dir.) (2005). *De la langue au style*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

- Granger, Gilles-Gaston (1988 [1968]). *Essai d'une philosophie du style*, Paris, Odile Jacob.
- Heidmann, Ute & Adam, Jean-Michel (2010) *Textualité et intertextualité des contes*, Paris, Classiques Garnier.
- Herschberg Pierrot, Anne (2005). *Le style en mouvement. Littérature et art*, Paris, Belin.
- Herschberg Pierrot, Anne (2007). «Style et genèse des œuvres», *Pratiques* 135/136, 163-176.
- Herschberg Pierrot, Anne (2010). «Approches génétiques du style», in *Stylistique?*, L. Bougault & J. Wulf dir., Presses Universitaires de Rennes, 33-40.
- Jenny, Laurent (1990). *La parole singulière*, Paris, Belin.
- Jenny, Laurent (1993). «L'objet singulier de la stylistique», *Littérature* 89, 113-124.
- Marouzeau, Jules (1941). *Précis de stylistique française*, Paris, Masson.
- Meschonnic, Henri (1970). *Pour la poétique*, Paris, Gallimard.
- Meschonnic, Henri (1982). *Critique du rythme*, Paris, Verdier.
- Meschonnic, Henri (1985). *Les états de la poétique*, Paris, PUF.
- Riffaterre, Michael (1979). *La production du texte*, Paris, Seuil.
- Saussure, Ferdinand de (1922 [1894]). «Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consonantique en lithuanien», in Ch. Bally & L. Gautier édés., *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, Genève, Droz, 513-525.
- Saussure, Ferdinand de (2002). *Écrits de linguistique générale*, Paris, Gallimard.
- Schaeffer, Jean-Marie 1997: «La stylistique littéraire et son objet», *Littérature* 105, 14-23.
- Spitzer, Leo (1970 [1948]). *Études de style*, Paris, Gallimard.
- Spitzer, Leo (1978). «La publicité américaine comme art populaire», trad. J.-P. Richard, *Poétique* 34, 152-171.
- Spitzer, Leo (2009). (1918-1931): *Leo Spitzer: Études sur le style*, Paris, Ophrys, Bibliothèque de Faits de langues.
- Starobinski, Jean (1970 [1964]). «Leo Spitzer et la lecture stylistique», in Leo Spitzer, *Études de style*, Paris, Gallimard, 7-39.